

Sem terrinhas em movimento pela resistência do acampamento Zé Maria do Tomé-CE

Tânia Maria Lima*, Claudiana Nogueira de Alencar** e Sandra Maria Gadelha de Carvalho***

Resumo

Este artigo analisa as práticas educativas desenvolvidas pelas crianças do Acampamento Zé Maria do Tomé-Chapada do Apodi (CE), no período de 2015 a 2019. Partindo do pressuposto de que a educação é um fenômeno social que transcende os espaços formais de ensino, o estudo investiga como as ações, interações e saberes produzidos coletivamente pelas crianças neste período constituíram-se em poderosos mecanismos de resistência e fortalecimento do Acampamento Zé Maria. Trata-se de uma pesquisa participante, com abordagem etnográfica, na qual se observou um grupo de 12 crianças ao longo destes quatro anos. No recorte histórico realizado, examinou-se que as crianças, longe de serem meras espectadoras do conflito agrário e da luta contra o agronegócio na região, são agentes ativas na (re)produção da cultura, da memória e dos valores do acampamento. Conclui-se que suas práticas educativas foram fundamentais para a construção da resistência do coletivo, garantindo a perpetuação dos ideais de luta e reafirmando o papel da infância como sujeito histórico central nos movimentos sociais.

Palavras-chave: infância sem-terra; educação do campo; práticas educativas.

Landless Children on the Move for the Resistance of the Zé Maria do Tomé Encampment, CE

Abstract

This article analyzes the educational practices developed by the children of the Zé Maria do Tomé Settlement in Chapada do Apodi (Ceará state), from 2015 to 2019. Assuming that education is a social phenomenon that transcends formal teaching spaces, the study investigates how the actions, interactions, and knowledge collectively produced by the children during this period became powerful mechanisms of resistance and strengthening for the Zé Maria Settlement. This is a participant research with an ethnographic approach, which observed a group of 12 children over these four years. Within the historical period examined, the study found that the children, far from being mere spectators of the agrarian conflict and the struggle against agribusiness in the region, are active agents in the (re)production of the settlement's culture, memory, and values. It is concluded that their educational practices were fundamental to the construction of the collective's resistance, ensuring the perpetuation of the ideals of the struggle and reaffirming the role of childhood as a central historical subject in social movements.

Keywords: landless childhood; countryside education; educational practices.

Sin terrenos en movimiento por la resistencia del campamento Zé Maria do Tomé-Ce

Resumen

Este artículo analiza las prácticas educativas desarrolladas por los niños del Campamento Zé Maria do Tomé-Chapada do Apodi (CE), en el período comprendido entre 2015 y 2019. Partiendo de la premisa de que la educación es un fenómeno social que trasciende los espacios formales de enseñanza, el estudio investiga cómo las acciones,

*Mestra em Educação e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação Intercampi em Educação e Ensino (PPGEEN), pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Servidora Pública nos Municípios de Russas e Limoeiro do Norte-Ce. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0663-4306>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8460340047468567>. E-mail: tania21lima@gmail.com.

**Doutora e mestra em Linguística, pós-doutorado em Semântica/Pragmática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA/UECE) e do Programa de Pós-Graduação Intercampi em Educação e Ensino (PPGEEN/UECE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2759-2750>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5612560998826098>. E-mail: clauoce@gmail.com.

***Mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Professora Associada da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Programa de Pós-Graduação Intercampi em Educação e Ensino (PPGEEN/UECE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0759-2788>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0650722680863049>. E-mail: sandra.gadelha@uece.br.

interacciones y conocimientos producidos colectivamente por los niños durante este período constituyeron poderosos mecanismos de resistencia y fortalecimiento del campamento Zé Maria. Se trata de una investigación participante, con un enfoque etnográfico, en la que se observó a un grupo de 12 niños a lo largo de estos cuatro años. En el recorte histórico realizado, se examinó que los niños, lejos de ser meros espectadores del conflicto agrario y de la lucha contra la agroindustria en la región, son agentes activos en la (re)producción de la cultura, la memoria y los valores del campamento. Se concluye que sus prácticas educativas fueron fundamentales para la construcción de la resistencia del colectivo, garantizando la perpetuación de los ideales de lucha y reafirmando el papel de la infancia como sujeto histórico central en los movimientos sociales.

Palabras clave: infancia sin tierra; educación rural; prácticas educativas.

INTRODUÇÃO

Pensar a palavra de ordem “Sem terrinhas em movimento” neste trabalho nos motiva a assumir duas vertentes principais de entendimento: o movimentar-se natural da criança em suas interações, brincadeiras e criação de culturas infantis, e junto a ele, no campo da infância sem-terra, as práticas que as crianças criam e movimentam para formarem-se também como parte do movimento social que experienciam.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nos ensina que reconhecer a criança como coletivo parte do MST é compreender que:

O lugar da criança que vive no movimento é no movimento. Ela não pode ser pensada em separado da luta de sua família, de todos e todas Sem Terra. Ela está presente no dia a dia da comunidade, nos acampamentos, nas mobilizações, nos encontros e cursos de formação” (MST, 2011, p. 16).

Nesse entendimento, a família, como grupo primário em que a criança constrói os primeiros significados de pertencimento, tem na realidade do movimento social um papel fundamental e referencial para a criança. Como visto em Freitas (2017), a luta sem-terra não é uma luta sozinha para nenhum dos sujeitos que a fazem: mulheres, homens, jovens e crianças, enquanto famílias, enquanto coletivo, vivenciam-na de forma unida.

Neste entendimento, as crianças participam e estão incluídas nas etapas deste processo, sejam nas ocasiões de ocupação, na constituição do acampamento, nas ações cotidianas de sua manutenção e fortalecimento, nas práticas de enfrentamento e resistência, bem como na própria conquista da terra. Sobre isto, nos diz Rossetto (2009, p. 39):

Ao participar da luta pela terra junto com seus pais, as crianças do MST passam a ser sujeitos construtores de um processo transformador, a ter ideias, projetos de futuro, perspectivas de vida, tendo como referência a coletividade. A criança Sem Terra, no MST, passou a ser considerada um ser social que integra a totalidade de um projeto em construção.

Considerando esse campo de discussão, encontramos na infância Sem-terra um poderoso espaço para enriquecer as múltiplas linguagens sobre a infância, situando-a não como uma fase de preparação para a vida futura, mas como um estar sendo no presente. Em fortalecimento a essa perspectiva, Dias *et al.* (2019) reforça que as crianças do MST podem oferecer uma grande contribuição aos estudos da infância, uma vez que seu papel ativo é fortemente valorizado e estimulado nos assentamentos e acampamentos, ajudando a organizar e fortalecer a luta do MST pela terra e pela educação no Brasil.

Ao deslocar a criança da posição de "futuro do movimento" para "sujeito ativo no presente", esse pensamento subverte a noção tradicional de que a criança é um ser apolítico, ou mesmo que não participa ativamente de seu processo de formação. A luta pela terra, nesse contexto, deixa de ser um pano de fundo e se torna a matriz educativa e existencial que forja sua subjetividade e suas práticas.

No esforço de reunir a significação dessas práticas construídas pelas crianças Sem Terra para o próprio fortalecimento do movimento social do qual participam, este trabalho configura-se como um recorte temático da pesquisa de dissertação no âmbito do Curso de Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), realizado na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM) e na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC). Intitulada “Marchas da infância: práticas educativas e discursivas de resistência das crianças do Acampamento Zé Maria do Tomé – Chapada do Apodi-Ceará”, a pesquisa permitiu-nos estudar o conjunto de práticas construídas pelas crianças a partir dos processos de luta que vivenciam junto às suas famílias no supracitado acampamento, organizado e apoiado pelo MST desde 2014.

Como desdobramento desta pesquisa, o presente estudo, objetivou analisar, em um recorte histórico entre 2015 a 2019, as práticas educativas criadas por 12 crianças do Acampamento Zé Maria do Tomé (AZMT) Chapada do Apodi-CE, de maneira a compreender como essas práticas contribuíram para a construção da resistência desse coletivo social ao longo desse período.

O Acampamento Zé Maria do Tomé nasceu da ocupação de terras no Perímetro Irrigado Jaguaribe–Apodi, em 2014. Expressa-se como um território símbolo de resistência a favor da agroecologia e contra a expansão do agronegócio, que avança com monocultivos e agrotóxicos, desestruturando modos de vida tradicionais e provocando conflitos violentos

como o assassinato do líder ambientalista José Maria Filho, da Comunidade do Tomé-Limoeiro do Norte, no dia 21 de abril de 2010.

Em 2014, várias famílias de pequenos agricultores familiares organizadas pelo MST e Movimento 21 ocuparam o Perímetro Irrigado Jaguaribe-Apodi-CE, consolidando o acampamento como símbolo da luta pela Reforma Agrária e contra o modelo do Agronegócio, eternizando a memória e o legado de luta de Zé Maria ao atribuir seu nome ao acampamento.

Compreender a dinâmica interna dessa comunidade, incluindo a participação de todos os seus membros, é crucial para apoiar sua causa e para evidenciar, perante a sociedade e o Estado, que se tratam de famílias inteiras com mulheres, idosos e crianças, que vivem, produzem e defendem aquele território. Documentar a presença das crianças é um ato de contraposição a narrativas que tentam deslegitimar a ocupação, mostrando-a como aquilo que ela realmente é: um projeto de vida.

Nesta compreensão, este estudo se justifica pela necessidade premente de contribuir com os estudos que potencializam os debates sobre a diversidade de vivências da infância, bem como, a agência e a participação das crianças sem-terra não como figuras passivas ou meras espectadoras, mas como sujeitos políticos que se auto organizam, ativos na construção e na sustentação de projetos de resistência como o MST, e neste caso, o Acampamento Zé Maria do Tomé.

METODOLOGIA

Como anteriormente mencionado, o presente estudo foi desenvolvido a partir de um recorte temático da pesquisa de Mestrado: Marchas da Infância: Práticas Educativas e Discursivas de Resistência das Crianças do Acampamento Zé Maria do Tomé-Chapada do Apodi-CE, desenvolvida ao longo do Curso de Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), realizado na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM) e na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC).

Posto isto, buscou-se compreender neste novo aprofundamento como essas práticas contribuíram para a construção da resistência desse coletivo social ao longo do período de 2015 a 2019. Trata-se de uma pesquisa participante, com abordagem Etnográfica, na qual nos colocamos a registrar nesse intervalo de tempo a participação de 12 crianças do

Acampamento Zé Maria do Tomé em diferentes momentos e situações em que estavam, juntamente à suas famílias, na organização, animação e resistência deste coletivo.

Além de algumas passagens de entrevistas reunidas e realizadas na época da pesquisa de campo com uma professora da Universidade Estadual do Ceará-UECE e alguns moradores do Acampamento, esse estudo é composto por registros e observações, utilizando imagens e vídeos de eventos cotidianos que nos permitiram apreender a natureza das relações que as crianças experimentam nestas vivências. Todas as imagens, vídeos e registros realizados foram capturados mediante a esclarecimento e assinatura de livre consentimento dos participantes e seus responsáveis, garantindo a integridade e bem estar dos sujeitos envolvidos.

Para nós, captar as iniciativas e atitudes dos Sem Terrinhas não só no ambiente da comunidade do acampamento, mas em outros espaços em que socializam sua luta vai ao encontro de uma perspectiva que o MST nos inspira: dar espaço para perceber a auto-organização das crianças em suas atividades e na relação com os adultos, criando e produzindo aprendizados, práxis e sendo resistência como movimento e no movimento (MST, 2011).

É imperativo reconhecer que o olhar e posicionamento participante que nos orientou nesta investigação não é um lugar neutro, como nos ensina Paulo Freire (2016), mas um posicionamento atravessado por compromissos e forças educativas, políticas e laços afetivos. Ao adentrar o Acampamento Zé Maria do Tomé, não como observadoras distantes, mas como pesquisadoras solidárias à causa da Reforma Agrária e à luta do MST, nossa subjetividade foi convidada a aprender com os processos de educação não formal que ali se realizam.

Este engajamento, longe de ser um viés a ser negado no fazer-se pesquisador, constituiu a própria condição de possibilidade para acessar as nuances das práticas educativas das crianças, mediada pela confiança construída no cotidiano compartilhado com elas e suas famílias, o que nos permitiu captar a espontaneidade de seus desenhos e a autenticidade de suas vozes nas experiências narradas neste estudo.

No entanto, assumimos que este mesmo lugar de identificação com a luta exige uma vigilância epistemológica constante para dialogar com humildade e respeito entre o território do ser criança e a dimensão de ser criança sem-terra, que vive e participa de um movimento social junto a seu coletivo. Assim, este estudo se assume como uma interpretação necessariamente situada, buscando equilibrar a adesão política com o rigor analítico, e transformando a implicação afetiva não em um obstáculo, mas em um potente instrumento de leitura do real.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A terra que se traduz desde de 2014 no Acampamento Zé Maria do Tomé, Chapada do Apodi-CE, criou ao longo de sua história relações e identidade com as mãos e as pegadas de muitos sujeitos que trabalharam fortemente para que ele fosse construído, plantado através dos sonhos sementes de igualdade e por um justo viver no campo. Dentre estes coletivos, estavam as crianças.

Desde a ocupação, em que famílias de pequenos agricultores se colocaram a caminho da Chapada do Apodi e formaram resistência no espaço que hoje se tornou o Acampamento é preciso anunciar: as crianças estavam lá. De pé no chão, como nos ensina Paulo Freire, já aprendendo o caminhar da luta. Muitas conduzidas pelas mãos calorosas de seus pais, outras, no colo, e algumas crescendo no ventre de suas mães, esperando para nascer e se somar a esse coletivo.

Se considerarmos uma linha histórica, a contribuição das crianças para o surgimento e para a resistência do Acampamento Zé Maria do Tomé se manifestou, primeiro, como parte da decisão das famílias de ocupar o território, inspiradas pelo desejo de um justo e digno viver para si e para seus filhos. Esse mesmo ideal se estendeu como uma das motivações para a produção agrícola da comunidade sem o uso de agrotóxicos, que visa assegurar uma alimentação saudável e de qualidade para as famílias que ali vivem e para a comercialização local.

Como pode ser examinado na fala de dois acampados, as crianças são pensadas enquanto parte do conjunto familiar e como um dos propósitos de resistência: *“Nós aqui não temos ganância, a gente quer produzir um alimento saudável pros nossos filhos, né?! Por isso a gente fica fazendo essas experiências sem veneno”* (Freitas, 2017, p. 257).

Já nas palavras do Acampado Antônio Edileudo, vemos ser evocado por ele o sentido de resistência atrelado a necessidade de subsistência familiar, bem como, coloca sua trajetória de trabalho no acampamento como determinante para a formação de seu filho:

Eu tô aqui resistindo. Não quero sair daqui não. Quero ficar aqui, quero produzir. Aqui foi onde eu formei um filho meu. Eu até fico emocionado. Fico emocionado mesmo, porque foi uma faculdadezinha de técnico de enfermagem, mas eu fico feliz. Foi trabalhando, pelejando. É isso que eu tenho que dizer. E eu quero resistir aqui. Que aqui é onde eu tiro o sustento da minha família (Brasil de Fato, 2021)

Através dessas falas, encontramos elementos para dialogar neste campo de discussão sobre como a história e a resistência do Acampamento Zé Maria do Tomé é produto não só da participação das famílias que se formam coletivo, movimento social e comunidade, mas é igualmente das crianças, cujas vozes, brincadeiras e modos próprios de ser e estar neste espaço tecem histórias, memórias, identidades e práticas que se conectam com esse ser e se fortalecer enquanto coletivo.

Neste recorte histórico, ressalta-se que até 2019, viviam no acampamento cerca de 60 crianças, em idades entre 01 e 12 anos, originárias de diferentes comunidades da região da Chapada do Apodi-Ceará. Neste estudo, nos colocamos a apresentar alguns registros captados ao longo de 2015 a 2019, de experiências em que se observou a participação e o engajamento das crianças sem-terra em ações junto as suas famílias dentro e fora do Acampamento Zé Maria, discutindo a importância desses momentos para constataremos na história do Acampamento a participação das crianças na construção de sua existência e resistência.

A atuação das crianças do AZMT nos espaços de disputa política

Iniciando pelo período de 2015, um ano após a ocupação, destacamos a primeira audiência pública realizada na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, sobre o uso intensivo de agrotóxicos na Região da Chapada do Apodi-CE, sessão estimulada, sobretudo, pelas antigas audiências requeridas pelo ambientalista comunitário Zé Maria, a respeito dos males da pulverização aérea para a saúde das pessoas e meio ambiente. Ao falar sobre esta ocasião, a professora Sandra Gadelha, da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Coordenadora do Laboratório de Estudos da Educação do Campo (LECAMPO), no campus da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE), também co-orientadora desta pesquisa, descreveu que os moradores do Acampamento estavam participando do momento, e juntamente a eles, seus filhos:

As crianças ficaram na frente das cadeiras, desenhando, pintando a vida delas no acampamento. Então, elas desenharam o avião da pulverização aérea, os legumes que elas plantam, a casa delas, os animais que as famílias criam, né? (Sandra Gadelha, FAFIDAM- UECE, 2019).

Figura 1 – Crianças desenhando como percebem suas vidas no acampamento



Fonte: Fórum Cearense pela vida no Semiárido (2015).

Através desta narrativa, é possível evidenciar uma das primeiras experiências de menção as crianças sem-terra em um cenário decisivo para essa coletividade, onde a comunicação das crianças, através de sua presença e de seus desenhos que ilustravam a vida no acampamento, narrou aos que estavam presentes fragmentos do ser criança e infância em um movimento social como o MST.

A potencialização de sua visibilidade e voz, por sua vez, acompanha seu processo de conscientização, tecido através de suas participações nos campos de disputa, não só pela terra, mas por outros direitos fundamentais ao viver humano, tais como a água, as escolas, a produção e alimentação saudável, dentre outros. Algo interessante a ser destacado nesta ocasião é que os desenhos e cartazes construídos pelas crianças nesse dia foram ainda utilizados em outra manifestação do acampamento, a exemplo, as audiências com o DNOCS, como esclarece a professora Sandra Gadelha (2019):

Uma das questões que o DNOCS recebe como queixa da FAPIJA, que é a Federação das Associações dos Produtores Irrigantes do Projeto Jaguaribe Apodi, é que eles não podem arcar com os custos do acampamento no uso da água que eles usam pra irrigação, porque o canal passa pelo acampamento e eles pagam por uma taxa de uso da água, uma taxa relativamente alta que, por exemplo, o acampamento não pode pagar essa taxa. Então, eles dizem que eles não podem arcar com o uso da água pelo acampamento. E quando as crianças fizeram a atividade com cartazes, mostrando como é que suas famílias plantam, como vivem no acampamento, elas desenharam muitos cartazes com a chuva. - E o porquê da chuva? "Porque só planta quando tem chuva". Esse foi um argumento, e inclusive, os cartazes foram apresentados na audiência com DNOCS, e também na visita que o presidente do DNOCS fez ao acampamento, justamente pra mostrar que não há uso intensivo dessa água a ponto de gerar, digamos, um prejuízo tão grande para as empresas. Foi muito importante as crianças terem representado, pois foi espontâneo delas e isso foi usado como argumentação.

A esse respeito, a mesma examinou que esses momentos sociais são cruciais para que as crianças se expressem como parte do Movimento, construindo e colaborando com a luta que também é delas e com elas. É neste sentido, uma experiência formativa, atrelada a uma nova visão de mundo, a construção de sua identidade individual e coletiva, uma vez que a identificação como sem terrinha é parte da identidade Sem Terra, assim como, enquanto classe trabalhadora. De uma luta que não é só de um, mas é uma luta de todos, e que só vai ter conquistas e mudanças se forem com participação coletiva. A esse respeito, Caldart, (2001, p. 211), explicita que,

[...] ser Sem-Terra é também mais do que lutar pela terra; sem Terra é uma identidade historicamente construída, primeiro como afirmação de uma condição social: sem-terra, e aos poucos não mais como uma circunstância de vida a ser superada, mas como uma identidade de cultivo: Sem-Terra do MST!

Em corroboração a essa ideia, Boemer e Conder (2019), evidenciam que a construção da identidade sem terrinha se conecta, sobretudo, como parte de um processo gradual de conquista da consciência de classe pela criança. Onde, na pedagogia do movimento a acompanha desde de sua infância, através das experiências práticas da luta de classes que a ajudam a formar uma nova concepção de mundo.

Tomando esta atividade como uma prática educativa realizada pelas crianças, vemos que ela representou uma forma de trazer a leitura viva do pensamento das crianças sobre o contexto em que vivem, bem como, evidenciar sua auto-organização enquanto participantes do movimento. Como visto na fala da professora Sandra Gadelha, o desenho das crianças, feito de forma espontânea e, ao mesmo tempo, demonstrando ser a conquista de um espaço de fala, trouxe elementos que serviram de argumentação para defender a produção do acampamento, assim como, para requerer o direito à água para a subsistência familiar e produção de alimentos.

Colaborações como essa, que são extraídas do universo infantil nos falam não só sobre as práticas sociais e educativas que as crianças podem realizar em contribuição para a luta, mas nos falam principalmente sobre a forma como estas crianças vêm se construindo e formando sua identidade nas bases do Movimento Sem Terra.

Quando a infância sem-terra ocupa a universidade: saberes e práticas educativas compartilhadas

A experiência descrita nesta sessão situa-se no âmbito do tripé: Ensino, Pesquisa e Extensão, evidenciando as relações entre a Universidade e os Movimentos sociais, mediada, sobretudo, pelos Projetos de pesquisa e de Extensão que são desenvolvidos pelo LECAMPO/FAFIDAM desde 2014 no Acampamento Zé Maria do Tomé (AZMT). O LECAMPO agrega forte parceria com o AZMT no contexto de lutas da Chapada e direciona-se, especialmente, a estudar as práticas educativas construídas na dinâmica de resistência coletiva pelo território.

Neste contexto, destaca-se, o II Encontro de Extensão da FAFIDAM/UECE, o qual trouxe como tema: Paulo Freire (1997-2017): Extensão dialógica e popular para a transformação social, ocorrido entre os dias 05 e 07 de dezembro de 2017. Na ocasião, buscou-se socializar as ações e os resultados alcançados nos projetos de extensão da FAFIDAM, tanto no âmbito da universidade, quanto da sociedade, instituições e movimentos sociais participantes. O grande educador Paulo Freire foi homenageado no evento, não só por sua importância como Patrono da Educação Brasileira, mas por ter atuado como organizador de um dos primeiros Centros de Extensão do Nordeste e do Brasil.

A programação do evento contou com uma diversidade de palestras, minicursos e mesas redondas com temas voltados para discutir a relação entre ensino, pesquisa e extensão; formação docente; educação popular e transformação social. Contou com a presença da comunidade acadêmica, da sociedade civil e com a participação dos moradores do Acampamento, que trouxeram sua produção para a Feira de Transição Agroecológica que foi organizada. Algumas crianças também vieram para esse momento, assim como estiveram presentes na ocasião de visita dos estudantes da FAFIDAM ao Acampamento.

Na mesa de abertura do evento, alguns moradores do acampamento AZMT e alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da FAFIDAM/UECE, que compõe o MST, foram chamados a realizar a mística para iniciar esse momento. Na ocasião, os filhos dos acampados também participaram de sua realização. Posicionados atrás da plateia, uma de suas mantinha-se levantada em punho e a outra segurava a de seus pais e mães. Assim, as crianças cantaram e junto a eles a música: “Eu vivo num tempo de guerra”, na interpretação da cantora Maria Bethânia (1965).

Em seguida, as crianças caminharam até a bancada do auditório carregando três girassóis. Neles, havia escrito em seu centro as palavras que formavam o termo: *Educação do Campo*. Foi um momento chave, em que os princípios da educação do campo foram evocados em músicas e palavras de ordem, observamos que as crianças se envolveram com a atividade e demonstraram bem-estar ao participar da mística. Apesar da timidez de algumas, os pais lhes passavam segurança para que se sentissem à vontade para exercer sua participação.

Ainda no ano de 2017, o acampamento Zé Maria do Tomé atravessou uma de suas mais fortes ordens de reintegração de posse. Na busca de expressar a resistência do coletivo pelo direito a terra e denunciar a situação à população de Limoeiro do Norte-CE, a comunidade realizou uma manifestação no centro da cidade. Participou deste momento um número considerável de crianças. Acompanhadas por seus pais, estas carregavam bandeiras do MST, cartazes de apoio à luta e uniam-se ao coletivo nas palavras de ordem e músicas entoadas. Não eram músicas ou palavras estranhas a elas, ao contrário, seus passos, gestos e vozes testemunhavam a familiaridade que guardavam com elas.

Observamos que, ao concentrarem-se no campus da FAFIDAM-UECE, uma forte cena se apresentava: Uma menina, com idade entre 10 anos, enrolada com uma bandeira do MST, e segurando a altura do peito um cartaz com a frase: “*A chapada é do povo.*” Com um olhar seguro e voz forte adentrou ao campus acompanhada pelo movimento, formando a incrível visão e sensação de que a criança estava conduzindo o coletivo.

Kruspakaya (2017) nos convida a pensar sobre isso, refletindo que na infância sem-terra as frases, músicas e palavras de ordem reproduzidas pelas crianças expressam os valores construídos na referência da coletividade, como movimento social, como classe trabalhadora, dos quais não interessa que as crianças os reproduzam mecanicamente sem consciência, mas que estes se tornem as bases para anunciar e direcionar uma nova formação humana.

Aproximando esta discussão do campo de construção da subjetivação humana, Foucault (2010) nos auxilia a pensar que desde o início de sua formação o indivíduo agrega de suas experiências e interações sociais fragmentos que os auxiliam neste processo de constituir-se gênero humano. Assim, reflete-se que, no MST, as crianças são interpeladas a se reconhecerem e a agirem como parte da classe trabalhadora e do projeto de Reforma Agrária. Isso fica evidente quando entoam palavras de ordem como “Sem terrinha em ação, pra fazer revolução!” – elas não repetem essas forças mecanicamente, mas performam uma identidade

política construída e valorizada pelo coletivo. A resistência, portanto, começa com a produção de um novo tipo de sujeito infantil, que resiste à ideia hegemônica de uma infância apolítica.

Cabe salientar nesta reflexão que a identidade Sem Terrinha é semeada em meio a esse conjunto de práticas, discursos (músicas, palavras de ordem, místicas), encontros, e saberes mediados pela Pedagogia do Movimento Sem Terra, que, juntos, auxiliam as crianças em sua construção como um sujeito político. Elas não são simplesmente crianças no movimento; elas se produzem junto com seus pares como Sem Terrinha – transitando em suas formas de ser criança e de ser parte da luta coletiva.

No ano seguinte (2018), o curso Pedagogia da FAFIDAM/UECE, por meio da disciplina de Estágio IV- Educação popular e de jovens e adultos- ministrada pela professora Diana Nara, em visita ao acampamento, convidou as crianças a participarem de uma Oficina Pedagógica, denominada: Educação Infantil Popular. Na ocasião, nove crianças participaram, as quais foram motivadas a explorar o ambiente literário organizado e em seguida, a vivenciarem um momento de contação de histórias.

Essas experiências foram consolidadas junto as crianças a partir de rodas de conversas que tratavam de características das obras narradas que se assemelhavam a vida das crianças no Acampamento. Ainda no mesmo ano, foi realizado no mês de outubro a festa em comemoração ao dia das crianças do Acampamento. Esse evento foi organizado pela turma de Geografia da Universidade Estadual do Ceará-UECE, campus Itaperi, em parceria com o Laboratório de Estudos da Educação do Campo-LECAMPO (FAFIDAM/UECE). Na ocasião, foi realizada uma campanha de arrecadação de brinquedos e livros que foram entregues para cerca de 60 crianças.

Esse momento também foi marcado pela mística de iniciação, organizada pelas próprias crianças. Nela, os Sem Terrinha caminharam em roda e uma delas segurava a bandeira do MST, seguida pelas demais que apresentavam para o coletivo seus desenhos, que ilustravam a forma como elas percebiam a vida no Acampamento. À medida que iam caminhando pelo espaço, cantavam a música: *“A chapada é nossa, a chapada é do povo, é só lutando que será nossa de novo!”* Em seguida, entoaram as palavras de ordem: *“Sem terrinha em ação, pra fazer revolução!”* Depois da exposição dos desenhos, a coordenadora do seguimento da infância do Acampamento fez uma fala sobre a importância dos Sem Terrinha no fortalecimento da luta do Acampamento Zé Maria do Tomé.

Da linha de frente as trocas coletivas: o papel ativo das crianças nas experiências educativas de resistência do acampamento Zé Maria do Tomé

Em outubro de 2018 o acampamento voltou a enfrentar um novo pedido de reintegração de posse. O mesmo foi determinado pela 15ª Vara (Subseção Limoeiro do Norte) a pedido do DNOCS e FAPIJA19, a ser efetuado às sete horas do dia 21 de novembro. Registrou-se nessa ocasião a participação das crianças em umas das reuniões entre as famílias, movimentos sociais e instituições populares que apoiam o Acampamento. Na ocasião, os repórteres da TV da Gente Quixeré, realizavam uma reportagem sobre a situação e história de luta do acampamento, buscando divulgar para a sociedade a forma de viver das famílias e suas bandeiras de luta. No final deste momento, foi interessante observar como a voz das crianças se somava a de suas famílias quando expressavam as palavras de ordem: *“De quem é Chapada? É nossa, é nossa!”*

No período, diversas entidades da sociedade civil se manifestaram em defesa das famílias do acampamento pelo legítimo direito a terra. Junto a eles, a comunidade do acampamento se articulou para promover a resistência, realizando reuniões e assembleias. Na data prevista para o despejo das famílias, os acampados se organizaram na vigília durante a noite e no começo da manhã se posicionaram em frente à portaria do Acampamento. A coordenadora do seguimento da infância Sem Terra informou que na ocasião as crianças também ocuparam seu espaço na resistência como parte do movimento.

Nesse dia, não foi possível ir à escola, uma vez que o tráfego de transportes ficou inviabilizado de passar no local, em decorrência da alta concentração de pessoas junto as barricadas construídas na pista pelos moradores. O grupo se colocou em duas frentes: Uma em frente à entrada do acampamento e outra próxima à barricada. Por volta de 8:30 min. da manhã, as equipes do batalhão chegaram ao local para cumprir a ordem judicial. Neste momento, ativistas, religiosos e estudantes realizaram junto aos acampados um protesto contra a saída das famílias.

O MST em colaboração com os demais movimentos e representações da sociedade civil que apoiam o acampamento, tentaram negociar a decisão com a polícia. No dia, a coordenadora da infância sem-terra descreveu que o Juiz requereu um vídeo às representações do acampamento para confirmar a existência de crianças, mulheres e idosos no local, pois se questionava a existência desses públicos no ambiente.

Ao ser gravado, as imagens em vídeo registravam as crianças que estavam juntas a seus pais e mães no ato, colocando-se na resistência, animando o movimento nas rodas de música, outras, atentas, observando os acontecimentos ao redor, e as menores, sendo embaladas em seu sono pela força da luta de suas mães que desejam poder criar seus filhos naquela terra.

Ao ser apresentado ao juiz, pouco tempo depois a polícia recebeu a ordem de suspensão da ação, tendo em vista a necessidade de planejamento mais aprofundado para efetua-la. Foi nesse contexto que a presença das crianças se revelou decisiva para a suspensão da ordem. As imagens, que mostravam de forma incontestável a realidade das famílias e, em especial, dos menores residindo no local, convenceram o magistrado a reconsiderar a ação imediata. Dessa forma, a existência das crianças no acampamento não apenas foi confirmada, mas tornou-se um dos elementos centrais que barrou o despejo, obrigando o Estado a recuar e a planejar uma operação que, por lei, precisa priorizar sua proteção integral.

Dentro desse processo educativo torna-se substancial refletir que a criança é muito mais que um indivíduo que está em processo de formação, ela é “um sujeito que vive no hoje de sua existência” (Santos, *et al.* 2018, p. 13). Ou seja, está a todo o momento estabelecendo relações de aprendizagem com seu ambiente e com os demais sujeitos ao seu redor. É no campo de luta, em seu planejamento e organização que a criança aprende que a luta Sem Terra não é uma luta sozinha, e compreende isso se percebendo como parte do seu coletivo. “Luta-se em coletividade e ao organizarem-se os sujeitos se educam e se transformam na coletividade em movimento” (Freitas, 2017, p. 93).

Nesta compreensão, examinamos que as experiências de luta social incidem marcas sobre as crianças que vivem em um movimento social, fornecendo-lhes elementos que se somam ao seu jeito de ser, e são por ela reelaborados em seus modos de pensar e se relacionar no mundo. Em Almeida *et al.* (2018) refletimos que, na contemporaneidade, a criança tem emergido em sua presença e participação nos espaços sociais como um ator social. Isso significa dizer que a forma como ela se socializa não acontece de forma

[...] vertical e unidirecional, dos adultos para as crianças, mas por um processo de mão dupla, para o qual as crianças também contribuem. A infância é, deste modo, concebida como categoria geracional, encontrada nos diferentes contextos histórico e geográfico, e, ao mesmo tempo, plural nas suas formas de expressão, em função de particularidades do espaço e do tempo em que é vivenciada. (Almeida *et al.* 2017, p. 49).

Assim, em seu espaço-tempo a criança vai acomodando e compartilhando aspectos sociais e culturais comuns a seu grupo, ao mesmo tempo em que vai descobrindo e criando possibilidades para a construção de saberes a partir das relações e experiências vividas.

Outro acontecimento marcante em que registramos a presença atuante das crianças foi na comemoração do 1º ano do Grupo de Mulheres mãos que criam (2019), formado pelas mulheres do acampamento Zé Maria do Tomé. O evento contou com uma rica programação que se iniciou com uma mística, construída pelas próprias mulheres, a qual retratava a problemática da violência contra a mulher. Em seguida, partiu-se para uma roda de conversa com a palestrante Jade Chaves, a qual mobilizou o grupo de mulheres a refletirem sobre o sistema Patriarcal e como ele penetra nas relações e práticas sociais, sobretudo, nos relacionamentos afetivos.

Na ocasião, muitas crianças participaram deste momento, em especial, as meninas. Algumas atuaram desde a organização do evento, outras, se colocaram a registrar os acontecimentos em vídeos e fotos. Sobre isto, Gohn (2011), ao citar os estudos de Habermas, elucida que na atualidade as novas gerações que compõem os movimentos sociais utilizam em suas práticas e discursos os novos meios de comunicação e informação, sendo esta, uma prática que denominam como “agir comunicativo”. Neste sentido, “a criação e o desenvolvimento de novos saberes são produtos dessa comunicabilidade.” (Gohn, 2011, p. 13).

Nos chamou a atenção também à forma como as crianças escutavam aquele debate, com envolvimento e concentração, presenciando suas mães narrarem como a luta pela terra, a dinâmica de vida no campo e os aprendizados construídos no acampamento as despertaram para transformar seus olhares não só sobre o ser mulher, mas o ser mulher dentro do Movimento Sem Terra, fato que contribuiu para gerar novas consciências em seus relacionamentos e em suas participações dentro da coletividade.

Durante o debate, quando as mulheres discutiam os mitos comumente reforçados nas relações afetivas, chegou-se à máxima: “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. No momento em que a palestrante convidava o grupo a refletir sobre o ditado, foi surpreendida pela intervenção espontânea de um menino que, interpretando a dinâmica como um jogo, completou a frase com naturalidade. Aproveitando a fala inocente da criança, as

mulheres engajaram-se em uma explicação coletiva, esclarecendo para ele e para todo o grupo a importância fundamental de se interferir ao testemunhar situações de violência, transformando um momento casual em uma poderosa ferramenta de conscientização.

O Sentido e a significação da resistência do Movimento e de ser também resistência nasce nos espaços de socialização que a criança vivencia coletivamente. O MST (2011) nos informa que a vivência no Movimento Sem Terra é uma experiência que valoriza a organização da comunidade como um espaço de encontros e de trocas, em que mulheres, homens, crianças, jovens e idosos participam e exercem sua voz no coletivo, de maneira reconhecida e respeitosa. Sobre essa ideia, o movimento argumenta que a vida na coletividade é uma grande possibilidade de aprendizagem para adultos e crianças, pois ambos os sujeitos aprendem e ensinam nele, a partir do que constroem nesses espaços. Assim, é no coletivo que os princípios da classe trabalhadora, da solidariedade e do respeito à vida, a pessoa humana e as decisões coletivas podem ser cultivadas e afloradas desde a base, que se constitui na infância. (MST, 2011) práticas de violência física, moral, sexual, psicológica, dentre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do Acampamento Zé Maria do Tomé não pode ser contada sem se reconhecer as crianças como um dos eixos centrais de sua existência e resistência. Elas não são meras coadjuvantes ou o "futuro" da luta; são agentes fundamentais no agora da disputa. Desde a decisão fundante das famílias de ocupar a terra, movidas pelo desejo de um futuro digno para seus filhos, até os momentos mais críticos de ameaça de despejo, a presença das crianças tem sido um fator decisivo e estratégico.

Como demonstrado, sua contribuição se manifesta de múltiplas formas: na força simbólica de seus desenhos, que se tornaram poderosos argumentos políticos em audiências públicas; na coragem prática de participarem ativamente de vigílias e protestos, animando o coletivo; e no potente argumento jurídico que sua existência no local representa, capaz de, como na suspensão da reintegração de posse, obrigar o Estado a recuar diante da necessidade de protegê-los integralmente.

Assim, pode-se inferir que as crianças do Acampamento Zé Maria do Tomé estão em permanente processo de formação de uma identidade Sem Terrinha, forjada no próprio exercício de ser coletividade. Elas aprendem, na prática, os princípios da luta pela terra, da agroecologia,

do feminismo e da solidariedade de classe. Suas vozes, seja entoando palavras de ordem, seja construindo seu processo de conscientização que brota do chão da chapada. Elas não apenas herdarão a luta; elas já a constroem no presente, tornando-se, assim, a mais pura e incontestável razão de ser e resistir do acampamento. Sua simples existência, portanto, é um ato político e a maior semente de esperança para a continuidade dessa comunidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rayane Rocha; ROCHA, Nara Maria Forte Diogo; COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da. O assentamento rural como contexto das práticas lúdicas intergeracionais: a negociação entre a tradição e o novo na recriação de brincar. *In*: COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da; PEREIRA, Jaquelândia Aristides; SANTOS, Núbia Agustinha Carvalho; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu; SILVA, Maria Saraiva da. (Org.). **Infância e relações etnorraciais em pesquisa**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.
- AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE O USO INTENSIVO DE AGROTÓXICOS NO CEARÁ. **Fórum Cearense Pela Vida no Semiárido**, 2015.
- BOEMER, Júlia; CONDE, Soraya Franzoni. A auto-organização infantil como potencialidade para a formação humana. **Nova Revista Amazônica**, v. 7, n. 01, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6979>. Acesso em: 21 set. 2025.
- BRASIL DE FATO. **Assentadas há anos, 120 famílias do Acampamento Zé Maria do Tomé, no Ceará, correm risco de despejo**, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UsOZ85QyyCc&t=11s>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da; PEREIRA, Jaquelândia Aristides; SANTOS, Núbia Agustinha Carvalho; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu; SILVA, Maria Saraiva da. (Org.). **Infância e relações etnorraciais em pesquisa**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.
- DIAS, Vanessa Gonçalves; SILVEIRA, Dynara Martinez; NASCIMENTO, Daniel do. Brincar, sorrir, lutar por reforma agrária popular: a experiência de auto-organização das crianças sem-terrinha do MST/RS. **Revista Trabalho necessário**, v. 17, n. 34, set./dez., 2019.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREITAS, Bernadete Maria Coêlho. **Campesinato, uso de agrotóxicos e sujeição da renda da terra ao capital no contexto da expansão da Política Nacional de Irrigação no Ceará**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais: espaços de educação não formal da sociedade civil**. [S.l.]: Universia, 2004.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. Universidade Estadual de Campinas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16 n. 47 maio/ago. 2011.

KRUPSKAYA, Nadezhda Konstantinovna. **A construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LIMA, Tânia Maria. **Marchas da infância**: práticas educativas e discursivas de resistência das crianças do acampamento José Maria do Tomé – Chapada do Apodi-CE. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação e Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino, Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2019.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Educação da Infância Sem Terra**: Orientações para o trabalho de base. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, 2011.

ROSSETTO, Edna. Crianças sem-terrinha em movimento: brincando, cantando na luta pela Reforma Agrária. In: SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). **Infâncias do campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

ROSSETTO, Edna. **Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós**: a educação das crianças sem terrinha no MST. Campinas, SP: [s.n.], 2009.

SANTOS, Patrícia Oliveira dos; SILVA, Antonio Luiz da; PIRES, Flávia Ferreira. Infâncias rurais: diálogos interdisciplinares. **Temáticas: revista dos pós-graduandos em ciências sociais**, v. 26, n. 51, 2018.

TV DA GENTE QUIXERÉ, JOSE ARI. **Acampamento Zé Maria do Tomé, Limoeiro do norte CE**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GL5545Uik8>. Acesso em: 02 jan. 2019.

Recebido em: Agosto/2025.

Aprovado em: Outubro/2025.